



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**GEANE LIRA DA SILVA**

**AS CONTRIBUIÇÕES DOS CONTOS DE FADAS E DAS HISTÓRIAS INFANTIS À  
APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL DA ESCOLA MUNICIPAL ILMA  
DE SOUZA RAMALHO EM PILÕES - PB**

**GUARABIRA-PB**

**2017**

**GEANE LIRA DA SILVA**

**AS CONTRIBUIÇÕES DOS CONTOS DE FADAS E DAS HISTÓRIAS INFANTIS À  
APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL DA ESCOLA MUNICIPAL ILMA  
DE SOUZA RAMALHO EM PILÕES - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Pedagoga.

Área de concentração: Educação Infantil

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Me. Márcia Gomes dos Santos Silva.

**GUARABIRA-PB**

**2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586c Silva, Geane Lira da  
As contribuições dos contos de fadas e das histórias infantis à aprendizagem na educação infantil da Escola Municipal Ilma de Souza Ramalho em Pilões - PB [manuscrito] / Geane Lira da Silva. - 2017.  
32 p. : il. color.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.  
"Orientação: Márcia Gomes dos Santos Silva, Departamento de Educação".

1. Educação Infantil. 2. Contos. Práticas Pedagógicas. I.  
Título.

21. ed. CDD 372.24

**GEANE LIRA DA SILVA**

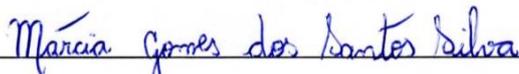
**AS CONTRIBUIÇÕES DOS CONTOS DE FADAS E DAS HISTÓRIAS INFANTIS À  
APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL DA ESCOLA MUNICIPAL ILMA DE  
SOUZA RAMALHO EM PILÕES - PB**

Artigo apresentado ao Programa de Graduação em  
Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de Pedagoga.

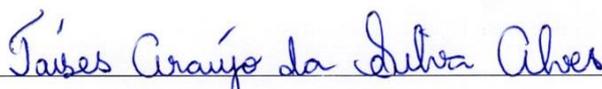
Área de concentração: Educação Infantil.

Aprovada em: 26 / 04 /2017.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof.<sup>a</sup> Me. Márcia Gomes dos Santos Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
Orientadora



Prof.<sup>a</sup> Dra. Thaíses Araújo da Silva Alves  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
Examinadora



Prof.<sup>a</sup> Dra. Verônica Pessoa da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
Examinadora

À minha família,  
**COM AMOR, DEDICO.**

## AGRADECIMENTOS

A Deus, luz que me guia nos mares da vida me conduzindo a um porto seguro;

À Professora e orientadora Márcia Gomes dos Santos Silva, que com muita paciência e dedicação, compartilhou seus conhecimentos, me concedendo um grande auxílio;

Aos meus pais: José Domingos da Silva Filho e Maria Gorete Lira da Silva, educadores natos, que deram suas contribuições me ensinando valores que me tornaram o ser humano que sou;

Ao meu esposo, Carlos Antônio Cândido Gomes, pelo companheirismo e pelo grande incentivador que é;

À minha filha, Lavínnia Mickaelly da Silva Gomes, que apesar da tenra idade, tem me ensinado o sentido da vida e me inspirado a lutar pelos meus ideais;

Aos meus irmãos: Gerlane, Gilvan, Gilson e Girlene, pelo carinho e incentivo;

Aos professores, que de forma magistral, compartilharam seus conhecimentos conosco;

Aos colegas de Curso, por tudo que vivenciamos nessa jornada.

Obrigada!

**“Contar histórias é acender uma fogueira em seu coração para que a sabedoria e a imaginação possam transformar sua vida.”**

**Nancy Mellon.**

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a aplicabilidade da proposta pedagógica lúdica, com o uso dos Contos de Fadas e Historias Infantis e a sua relação com o aprendizado das crianças da Educação Infantil acerca da percepção dos profissionais em relação ao uso desses recursos lúdicos como ferramentas pedagógicas na construção do conhecimento na Educação Infantil da Escola Ilma de Souza Ramalho do município de Pilões-PB, ao tempo em que imprime uma proposta dinamizadora que vai dar uma nova roupagem ao processo ensino e aprendizagem. O referencial teórico se formou sob erudição tanto de teóricos a exemplo de: Ronca (1989), Mellon (2006), Sisto (2001), Kramer e Castle (2001), Coelho (2003), Bettelheim (1992), entre outros, com o intuito de atender ao objetivo proposto à presente pesquisa, de cunho qualitativo, do tipo estudo de caso. Os métodos utilizados para a coleta de dados foram observações diretas e entrevistas. O primeiro se deu por meio de observação e avaliação das professoras investigadas durante as suas ministrações das aulas, e o segundo ocorreu ao final da pesquisa de campo. Os dados foram sistematizados em categorias de análises interpretados à luz das teorias abordadas. Os resultados foram satisfatórios sinalizando que os Contos de Fadas e as Historias Infantis, quando explorados na prática de ensino, têm contribuído para o aprendizado dos alunos.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Contos. Histórias. Prática Pedagógica.

## **ABSTRACT**

The purpose of this research was to analyze the applicability of the pedagogical proposal with the use of Fairy Tales and Children 's Stories and its relation with the learning of children in Early Childhood Education about the professionals' perception regarding the use of these recreational resources as pedagogical tools In the construction of knowledge in the Infantile Education of the School Ilma de Souza Ramalho of the city of Pilonés-PB, while at the same time it prints a dynamic proposal that will give a new guise to the teaching and learning process. The theoretical reference was formed under the erudition of both theoreticians such as Ronca (1989), Mellon (2006), Sisto (2001), Cramer and Castle (2001), Coelho (2003), Bettelheim (1992), among others, In order to meet the objective of the present study, of a qualitative nature, of the case study type. The methods used for data collection were direct observations and interviews. The first was through observation and evaluation of the teachers investigated during their classes, and the second occurred at the end of the field research. The data were systematized in categories of analyzes interpreted in the light of the theories addressed. The results were satisfactory, indicating that Fairy Tales and Children's Stories, when explored in teaching practice, have contributed to students' learning.

**Keywords:** Early Childhood Education. Tales. Stories. Pedagogical Practice.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2. REFLEXÕES SOBRE OS CONTOS DE FADAS E HISTÓRIAS INFANTIS.....</b>	<b>14</b>
2.1 O desenvolvimento da criatividade da criança através de sua vivência com literatura infantil: brincar de ouvir, criar, dizer e brincar de ler.....	14
2.2 A conectividade existente entre o ouvir/contar histórias com o desempenho das crianças na Educação Infantil .....	16
2.3 O gosto pela leitura através da literatura infantil e o estímulo à oralidade a partir do reconto, através da leitura das gravuras.....	20
<b>3. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA .....</b>	<b>22</b>
3.1 Resultados e discussão.....	23
3.2 Pesquisa com os professores .....	23
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>30</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>32</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Historicamente, a Educação Infantil surgiu quando as mulheres precisaram ocupar seus espaços no mercado de trabalho. Por isso, a educação das crianças de 0 a 6 anos desempenha um importante papel social. O preâmbulo temático desta pesquisa bibliográfica, visa enfatizar a contribuição das histórias infantis para a formação da criança num processo de ensino aprendizagem sistematizado de forma lúdica dinamizadora que configurará na alfabetização da criança, tendo como objetivo precípuo a investigação de como esse processo vem sendo trabalhado na Escola Municipal de Educação Infantil Ilma de Souza Ramalho.

No que se refere a Educação Infantil, os cuidados necessários com a primeira infância têm que ser priorizados pelos gestores públicos e educacionais. A nossa Constituição reconhece a Educação Infantil como um direito da criança, opção da família e dever do Estado. A partir daí, a Educação Infantil no Brasil deixou de estar vinculada somente à política de assistência social passando então a integrar a política nacional de educação. Mas foi com o advento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1996, que a Educação Infantil passa a ser definida como a primeira etapa da Educação Básica.

Nesse sentido, várias pesquisas realizadas nos anos de 1980 já mostravam que os seis primeiros anos de vida são fundamentais para o desenvolvimento humano, e a formação da inteligência e da personalidade.

O ponto crucial dessa pesquisa retrata da importância das histórias infantis para a formação da criança na formação do leitor infantil e oferecer aos docentes subsídios teóricos para o trabalho com a textualidade no gênero infantil de qualidade na escola.

Desde os tempos mais remotos que o ser humano vem tentando responder a vários questionamentos sobre sua existência e acerca dos fenômenos da natureza. Os contos, são narrativas populares transmitidas pela oralidade de gerações em gerações que, apesar de sua simplicidade, apresentam grande complexidade, pois abordam assuntos de conflitos cotidianos, geralmente direcionado à formação moral.

Com o advento da escrita houve o aprimoramento literário dos contos, com sua difusão as histórias populares adentraram as cortes, os contadores acrescentavam detalhes descritivos e, assim, as narrativas passaram a ser mais bem elaboradas, com maior refinamento da linguagem. Rego (1995), esclarece tal perspectiva: Quando escrevemos, dispomos de maior tempo para refletir sobre a forma da mensagem que queremos transmitir.

Nesse entendimento, Rego leciona que a escrita, por ser a materialização da

oralidade, ela dá ao escritor uma oportunidade de transcrever com maior riqueza de detalhes, a mensagem que se quer transmitir.

Segundo Bettelheim (2007): “Estas histórias falam ao ego em germinação e encorajam seu desenvolvimento, enquanto ao mesmo tempo aliviam pressões pré-conscientes e inconscientes [...], começam onde a criança realmente se encontra no seu ser psicológico e emocional. Falam de suas pressões internas graves de um modo que ela inconscientemente compreende. (BETTELHEIM, 2007, p.72).”

Com essa citação o autor afirma que os contos infantis proporcionam uma espécie de massagem no ego da criança que a ajuda no seu desenvolvimento cognitivo e alivia as tensões provocadas pelas pressões do seu interior.

Na contextualização do conto com o cenário se faz necessário explicitá-lo, a fim de que haja a conciliação da mensagem falada com o imaginário da cena, o que facilitará a absorção da mensagem e o aprendizado do interlocutor/receptador, pois as “palavras funcionam como matéria-prima da criação artística” na literatura e que a língua escrita é uma fonte criativa em que “o uso da linguagem caracteriza-se, portanto, por ser mais sistemático e por estar imbuído de senso estético que efetivamente temos quando conversamos”. (REGO, 1995, p.10).

As crianças, desde a educação infantil, são introduzidas ao mundo das narrativas dos contos de fadas. Pois, ao ouvir as narrativas orais e organizá-las na linguagem escrita, é que se desenvolveu este gênero literário, percebemos um simulacro deste contexto em sala de aula. A partir dos conceitos referenciados por tais histórias, vão criando modos de inferência no meio social e assimilando questões específicas da linguagem escrita. Esse artigo tem como objetivo investigar como os docentes estão trabalhando os Contos de Fadas como instrumento didático na alfabetização de alunos na Escola Municipal Ilma de Souza Ramalho.

Este estudo está disseminado em quatro tópicos fundamentais que delineiam o objeto de pesquisa. Fazendo um trabalho investigativo na aludida Escola, na cidade de Pilões-PB, procurando descobrir como os docentes da referida Escola vêm trabalhando as histórias infantis como recurso didático na alfabetização de alunos da Educação Infantil da referida Unidade Escolar.

O primeiro tópico se preocupou em mostrar um histórico dos contos ao longo do tempo e a sua importância para a alfabetização; no segundo, faz menção aos tipos de contos e a utilização dos mesmos, enquanto fonte de prazer para o aprendizado; já no terceiro, proporciona o aperfeiçoamento oral, a partir do reconto e por último incentiva os alunos à leitura das histórias infantis.

Nesse ínterim, esta pesquisa de campo busca como objetivo precípua, analisar a aplicabilidade de propostas pedagógicas lúdicas, com o uso de jogos e brincadeiras e a sua relação com o aprendizado das crianças da educação infantil; de forma específica, busca ainda Identificar a melhoria do aprendizado como resultado da aplicação da proposta pedagógica lúdica; Incentivar o desenvolvimento da criatividade da criança através de sua vivência lúdica; verificar a conexão existente entre a aplicabilidade da ludicidade com o desempenho das crianças.

## **OBJETIVOS:**

### **Geral:**

Analisar as propostas pedagógicas inerentes o trabalho realizado com os Contos de Fadas e Histórias Infantis como recursos pedagógicos e avaliar a sua potencialidade no aprendizado das crianças da educação infantil da Escola Ilma de Souza Ramalho.

### **Específicos:**

- Refletir sobre a importância dos contos de fadas para o desenvolvimento da criatividade da criança através de sua vivência lúdica.
- Verificar a conectividade existente entre o ouvir/contar histórias com o desempenho das crianças na educação infantil.
- Identificar as propostas pedagógicas que contribuem para estimular o gosto pela leitura através dos contos de fadas.

## **2. REFLEXÕES SOBRE OS CONTOS DE FADAS E AS HISTÓRIAS INFANTIS**

### **2.1 O desenvolvimento da criatividade da criança através de sua vivência com literatura infantil: brincar de ouvir, criar, dizer e brincar de ler.**

O presente artigo traz em sua conjectura uma proposta acerca da importância das histórias infantis na formação das crianças, tanto no que diz respeito à aquisição de valores, como na construção do saber empírico e no despertar do interesse pela leitura. A literatura infantil é fundamental para a construção do conhecimento, na promoção da recreação, da informação e interação do leitor com o universo retratado na literatura. De acordo com as ideias acima, percebe-se a necessidade da aplicação coerente de atividades que despertem o prazer de ler, e estas devem estar presentes diariamente na vida das crianças, desde bebês. Conforme Silva (1992, p.57) “bons livros poderão ser presentes e grandes fontes de prazer e conhecimento. Descobrir estes sentimentos desde bebezinhos, poderá ser uma excelente conquista para toda a vida.”

É na percepção do imaginário que se fantasia uma odisseia ao mundo encantado das fábulas e cria-se do imaginário às cenas vivenciadas pelos personagens, é nessa contemplação do imaginário que a criança viaja na “nave da imaginação” no intuito de aproximar sua realidade aos contos da Literatura Infantil, se vejam agora como protagonistas das cenas supostamente vivenciadas pelo personagem. Quando ouvimos uma história, nos envolvemos com ela, e quando criança, à partir daí, tem início um processo de identificação com alguns personagens. Isso faz com que a criança viva um jogo ficcional, projetando-se na trama.

Qual criança, nunca brincou de ser um Super-Herói? Acredita-se que os contos permitem às crianças identificarem-se ou não com as dificuldades ou alegrias de seus heróis, cujos feitos narrados expressam, a condição humana frente às adversidades da vida. É nos contos que as crianças se encantam e encontram uma melhor maneira de viver.

Conforme professora Coelho (2003), ainda há pouco, a literatura infantil era considerada como um gênero secundário, e vista pelo adulto como uma história fantasiosa, sem valor. Não obstante, servia para distrair e encantar as crianças. Para investir na interpretação do texto literário dentro dessa realidade, é necessário conhecer as obras infantis que abordem questões e problemas universais, inerentes ao ser humano. Por meio do prazer ou das emoções que as histórias proporcionam, o simbolismo que está implícito nas tramas e

nos personagens vai agir no inconsciente, atuando pouco a pouco para ajudar a resolver conflitos interiores, os quais são normais nas crianças.

Na concepção de Pimentel (1999, p. 25), em estudos realizados sobre literatura infantil demonstram que a literatura infantil se transformou nos países industrializados em um rico filão para ser explorado, na área de alfabetização visando uma boa escolarização da criança. Tendo em vista que esse gênero literário se destina a recrear e emocionar a criança, segundo a autora, é importante pontuar que um bom livro seria agradável e apreciado tanto por adultos como por crianças. Nesse sentido a escritora conclui que existem livros, que são aceitos como fazendo parte da literatura infantil que são pueris, tem uma linguagem carregada de diminutivos, não oferecem um sentido à trama e têm diálogos frágeis, ou seja, são livros que tratam a criança como se ela fosse um ser sem inteligência.

A autora explica que é no encontro com qualquer forma de literatura que os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida. Mas, demonstra também, que a literatura infantil, por iniciar o homem no mundo literário, é utilizada como instrumento para a sensibilização da consciência, servindo como meio de transmissão de valores e ideias de submissão.

Explica ainda que quando são desvendadas as ideias que existem subjacentes a histórias, nos contos de fadas, é possível se expandir a capacidade da pessoa de pensar, refletir e raciocinar. Esse entendimento possibilita ao leitor entender as ideias e lhe dá uma maneira nova de analisar o mundo. Desta maneira, assevera que é fundamental perceber que a literatura precisa ser encarada sempre, por professores, psicóloga e estudiosa em geral, de modo global e complexo, em toda sua ambiguidade e pluralidade.

Segundo Bernardo (apud ARCURI 2004, p. 121) toda vez que a pessoa se abre ao inusitado, ao novo, dando asas à imaginação e ao seu poder criador ela se permite ser transformada em seu crescimento e no seu autoconhecimento. Essa abertura não se esgota apenas em seu “eu”, na sua própria pessoa, mas estende laços que se entrelaçam com outras pessoas, caminhando até o infinito. Essa é segundo o autor, uma maneira de se tecer o próprio destino, recompondo a vida no resgate dos arquétipos herdados dos ancestrais e permitindo-se se ver sem máscaras ou fantasias. A literatura infantil tem também esse poder de resgatar sonhos e fantasias que estão incrustadas no inconsciente, pois logo que a criança começa a andar e explorar o mundo que se estende à sua volta ela se depara com alguns problemas complexos, que é a formação de sua identidade.

A criança se olha ao espelho, vê alguém semelhante a si mesma, segundo Bettelheim (1992, p. 177) uma figura que está colocada atrás do vidro do espelho. Tenta descobrir quem a

está mirando, busca entender se a outra criança é como ela, movendo-se no mesmo ritmo e fazendo as mesmas coisas e trava o primeiro contato com o dilema de sua identidade. O autor explica que nascem outras dúvidas relativas à vida, sobre a criação de homens e mulheres, pessoas e animais, sobre a bondade e a justiça, e até uma preocupação sobre o que a vida lhe reserva. Essas são questões que deixam confusa a criança e para as quais apenas os contos de fadas oferecem respostas, pois toma consciência delas ao acompanhar a narrativa do adulto.

Tanto para o professor como para o adulto que se ocupa em contar a história e lhe dar vida, as respostas que os contos de fadas oferecem são fantásticas e não correspondem à realidade, pois suas soluções sob o ponto de vista do adulto são erradas. Por isso, muitos adultos, inclusive professores, segundo Bettelheim (1992, p. 60) se negam a transmitir para criança o que denominam de “falsas noções”. O autor, porém comprova por meio de experiências com crianças de idades variadas que as explicações realistas, com cunho científico é que são incompreensíveis para criança, porque elas ainda não dominam conceitos abstratos.

As pessoas adultas consideram que devem entrar em detalhes científicos quando estão explicando algo à criança, mas Bettelheim (1992, p. 63) enfatiza que as explicações científicas necessitam de pensamento objetivo, algo que a criança ainda não tem. A literatura infantil e, principalmente, os contos de fadas podem ser fundamentais para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo à sua volta. Segundo Coelho (2003, p. 33) “O maniqueísmo que divide as personagens em boas ou más, belas ou feias, poderosas ou fracas, facilita à criança a compreensão de valores básicos da conduta humana ou convívio social”.

Isso ocorre, conforme Bettelheim (1992, p. 15) porque é uma característica presente nos contos de fadas colocarem dilemas existenciais de maneira categórica. Essa forma de apresentar os problemas simplifica todas as coisas, torna para a criança, a vida menos complexa, embora bem e mal sejam onipresentes e a propensão para acompanhar um ou outro caminho esteja constantemente gerando conflito para o homem.

## **2.2 A conectividade existente entre o ouvir/contar histórias com o desempenho das crianças na educação infantil.**

Houve um tempo em que os contadores de histórias eram pessoas respeitadas como sábias na comunidade à qual pertenciam, reconhecidas como detentores de um saber que era de todos. Em algumas comunidades ainda existem esses contadores tradicionais, reconhecidos

como pessoas especiais que sabem dar vida à magia das palavras que são repertórios das histórias que todos gostam de ouvir.

Joana Cavalcanti (2002), em seu livro *Caminhos da Literatura Infantil*, reforça que: “Ouvir histórias consiste numa das relações mais prazerosas, satisfatórias de que o homem é capaz. A nossa relação de complementaridade com o eu e o outro está posta aí, numa tentativa maior de preencher as lacunas, de superar os conflitos, e enfim, de nos perceber como um “ser-em-projeto”, em busca do “prazer-feliz” de uma experiência incompleta, mas capaz de criar sentidos, de fazer arte, de transformar o mundo em vários universos, em constelações criadoras de magia, de sentimentos vários de humanidade”.

No contexto supracitado, a autoral valoriza o ouvir histórias na relação inegavelmente indissociável com o ato de contar histórias. O gosto de ouvir está entrelaçado com a magia da palavra dita, mesmo que essa palavra repouse no texto escrito. Contar histórias empresta vida, atualiza o texto escrito, sendo assim um caminho para que o ouvinte busque a história que ouviu, na intenção de retomá-la por escrito e reviver a magia da palavra oralizada por um contador.

Ainda temos, nas nossas comunidades, contadores e contadoras de histórias, mas muitos deles não dispõem de ouvintes. São remanescentes de um Brasil rural, habitantes de um tempo em que as pessoas dispunham de tempo de se encontrarem e ouvirem os casos, as anedotas, as histórias de príncipes e princesas encantadas, histórias de assombração, histórias de Trancoso, ou tantas outras que faziam o repertório do contador que disponibilizava os textos através da sua voz ou dos ouvintes (que pediam que lhes contasse as suas histórias preferidas).

Com o progresso das ciências, advieram as transformações na sociedade, o que mudou as formas de organização das comunidades. O Brasil tornou-se um país eminentemente urbano, com a urgência de tempo que caracteriza as obrigações do cotidiano, com as mudanças no foco de interesse agora centrado nas transmissões mediatizadas. As formas de encontro das pessoas também mudaram. O acesso à cultura ampliou-se e além dos contadores de histórias que eram os únicos detentores dessa narrativa, os livros passaram a dividir com eles essa prerrogativa. Estudos, tanto no que se refere a aspectos do desenvolvimento psicológico das crianças, quanto no que diz respeito à ampliação das capacidades de leitura, defendem a atividade de contar/ouvir histórias como salutar ao desenvolvimento e crescimento espiritual das pessoas.

Nancy Mellon (2006), contadora de histórias há mais de duas décadas em seu livro *A arte de contar histórias*, afirma que a “sabedoria espontânea que habita o coração de cada

pessoa é a essência da vida. É na porta dessa sabedoria que batemos durante o processo de contar histórias. É como uma prece: as histórias nos sustentam e nos fortalecem”. Em outro momento do mesmo livro, autora orienta para que se observe que: “A medida que você conta histórias, os poderes vitais escondidos dentro de você são capazes de recobrar o compasso e o ritmo. As melodias de vários climas podem reverberar através das imagens da sua história.”

As narrativas consideradas “histórias para crianças”, na sua especificidade, apresentam-se em alguns gêneros distintos. Há os contos de fadas, os contos populares, as fábulas, as anedotas, os contos escritos por autores, as histórias bíblicas, as histórias em quadrinhos. Muitas dessas histórias, a grande variedade dos textos orais, há um tempo, circulavam unicamente por meio das vozes de seus contadores. Hoje, muitos desses textos estão publicados e chegam aos seus leitores por meio de livros, de revistas, através da escrita. A partir daí também podem ser transformados novamente em textos orais, na voz de alguém que leia para ser ouvido.

A escrita também apoia os textos orais que, mesmo grafados no papel, não abandonam as características que os aproxima da voz do contador. Assim se dá a circulação do conto, assim as histórias encontram formas de permanência na memória popular. O fator de todos esses gêneros estarem publicados, impressos ou em formas audiovisuais, portanto disponíveis para serem reconhecidos, retomados e divulgados, faz com que se abra a possibilidade de chegarem ao conhecimento das crianças, na escola ou em casa através dos adultos, mesmo que não tiveram a oportunidade de ouvirem esses textos na infância.

Entre as narrativas estão as fábulas, os contos de fadas, as narrativas publicadas de autores diversos. Para as crianças que ainda não leem, ouvir a narrativa pressupõe um primeiro nível de leitura, em que o ouvinte conhecendo o enredo da história, passa a imaginar as cenas, as personagens e detalhes específicos de cada narrativa que ouve.

Os contos de fadas têm autoria, mas, a multiplicação de publicações que são disponibilizadas para os leitores causa uma impressão de que essas narrativas não têm autor definido; são os “Clássicos para crianças”. Esses contos foram escritos por diversos autores, em diferentes países e épocas. As histórias que eles contam dão uma forma literária às histórias que o povo contava, à beira do fogo, nas rodas de conversa, principalmente no inverno, dentro das casas.

Os contos de fadas mais divulgados são os de autoria, na França, de Charles Perrault; na Alemanha, dos irmãos Grimm; na Dinamarca, Johann Christian Andersen. Alguns outros autores e autoras de contos maravilhosos também têm lugar até hoje no cenário de contistas cujas histórias são endereçadas às crianças. Os contos de fadas mais conhecidos, considerados

os mais divulgados são, entre outros: Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, Os Três Porquinhos, Cachinhos de Ouro, Branca de Neve e os Sete Anões, Alice no país das maravilhas, O lobo e os sete cabritinhos, A roupa nova do rei, A pequena Sereia, A princesa e a ervilha, O ganso de ouro, Rapunzel, João e Maria, João e o pé de feijão, O gato de botas, O Barba Azul.

Nos contos de fadas o mal comporta uma sedução, ele atrai as pessoas, e por um espaço de tempo ele se manifesta vitoriosamente (o poder maléfico da madrasta, que engendra o seu mal no intuito que o príncipe não encontre Cinderela para que experimente os sapatinhos de cristal). Por isso, Abramovich (1997, p. 122) considera fundamental que se respeite os elementos do conto, suas facetas de crueldade, angústia, pois entende que essa é uma maneira de se considerar a integridade dos contos, sua inteireza, o corpo da narrativa, pois é inadmissível para a autora, que o contador ou o leitor (no caso o professor ou a mãe) tente adocicá-lo retirando de sua essência conflitos necessários.

As fábulas são narrativas onde as personagens são principalmente animais que retratam os comportamentos dos seres humanos. Essas narrativas são compostas como nos exemplos a seguir, para registrar, como na maioria das fábulas tradicionais, a “moral da história”, em forma de provérbio que encerra um exemplo da “sabedoria popular” para ser observado e seguido.

Todos os textos do gênero narrativo, orais ou escritos, histórias curtas ou longas, relatos de vida, contos, mitos, fábulas, lendas, novelas, romances, parábolas, entre outros, são passíveis de serem veiculados, através da voz e dos gestos de um contador de histórias. Professores, bibliotecários, contares tradicionais, podem ter sua influência no interesse do ouvinte e retomar os textos compartilhados, podem funcionar como agentes de leitura. Celso Sisto, contador de histórias do grupo Morandubeté, em seu livro, *Textos e pretextos sobre arte de contar histórias*, reforça que “contar histórias é a possibilidade, sim, de formar leitores, num verdadeiro ato de subsistência, não só do já inventado, mas do universo que as palavras transcriam para levantar”.

Sisto (2001), contador experiente, reafirma a condição efetiva que envolve o contar. Escolher uma história para ser contada requer trabalho e pesquisa, leitura e/ou audição de muitas histórias, até que surja aquela que “nos diga de uma forma toda especial” Para o autor/contador escolher uma história, “O primeiro passo parece mistério: sentir algo especial pelo conto; porque acreditamos que só poderemos contar bem uma história quando ela toca de modo especial, quando faz vibrar algo dentro de nós. É a paixão que vai permitir a passagem”.

### **2.3 O gosto pela leitura através da literatura infantil e o estímulo à oralidade a partir do conto, através da leitura das gravuras.**

Por meio de livros, de revistas, através da escrita. A partir daí, também podem ser transformados novamente em textos orais, na voz de alguém que leia para ser ouvido. A escrita também apoia os textos orais que, mesmo grafados no papel, não abandonam as características que os aproximam da voz do contador. Assim se dá a circulação do conto, assim as histórias encontram formas de permanência na memória popular. O fato de todos esses gêneros estarem publicados, impressos ou em formas audiovisuais, portanto disponíveis para serem reconhecidos, retomados e divulgados, faz com que se abra a possibilidade de chegarem ao conhecimento das crianças, na escola ou em casa através dos adultos, mesmo aqueles que não tiveram a oportunidade de ouvirem esses textos na infância.

Em conversa informal com uma das professoras do município de Pilões, oportunidade em que conversávamos sobre a importância dos Contos de Fadas e Histórias Infantis, para a aprendizagem das crianças na educação infantil, a mesma me relatara: “Gosto de utilizar essas ferramentas como recursos didáticos porque tinha o hábito de ler histórias como: Alice no país das maravilhas, Os Três Porquinhos, O gato de botas, Chapeuzinho Vermelho entre outros clássicos da literatura infantil para minha filha, ao tempo em que encenava a história, dando vida ao texto escrito e ela memorizava as cenas e decorando as histórias, contava para a sua avó materna, com riqueza de detalhes como se estivesse lendo e Ela, a avó, cria que sua netinha com apenas 3 anos de idade já sabia ler.

E isso foi instigando-a à leitura e aos quatro anos e oito meses, ela foi alfabetizada e tornou-se uma “devoradora de livros” e “redatora de primeira”; aos dezesseis anos foi aprovado no ENEM para o curso de Direito em quatro Universidades”. (Grifo da autora).

Portanto, para as crianças que ainda não leem, ouvir a narrativa pressupõe um primeiro nível de leitura, em que o ouvinte conhecendo o enredo da história, passa a imaginar as cenas, os personagens e detalhes específicos de cada narrativa que ouve.

Na concepção de Sisto (2001), o contar histórias é uma forma de mediar o encontro do leitor com o texto, o fato de o contador ter uma afeição especial pela história que conta, lhe dá mais condições de encontrar formas mais eficientes de conquistar o leitor na intenção do texto a ser lido depois. A vida que o contador empresta ao conto que verbaliza constitui a “alma” do texto. A história para que ela ganhe vida, para que passe a habitar mais fortemente no coração e nas mentes dos seus ouvintes, que podem, por afinidade com os textos, tornar-se também leitores.

Não basta simplesmente ser alfabetizado, saber ler. O interessante é avivar dando amplitude a esse saber e formar leitores – pessoas que tenham curiosidade pela palavra escrita, que sinta prazer em buscar o livro, que sinta necessidade de ler. Esse hábito, como todos os outros que se adquirem no decorrer da vida, exige repetição para se instalar. Para que alguém adquira o hábito, faz-se necessário a repetição da ação. Com o hábito de ler acontece da mesma forma. Exige que sejam criadas oportunidades de leitura, com frequência, para que se obtenha um leitor, e mais frequência ainda para que se consiga formar um leitor maduro e competente.

Cramer e Castle (2001, p. 111), em seu livro intitulado *Incentivando o amor pela leitura*, sugerindo formas de incentivar o gosto pela leitura, apresentam fatos que têm sido realizados por professores e pais de crianças, ao redor do mundo, considerando-se que quem gosta de ler encontra formas simples e eficientes de incentivar os que os cercam para trilharem os mesmos caminhos que conduzem à condição de leitor. Textualmente, os autores afirmam que: “A importância e a função do material impresso, bem como o prazer obtido pela leitura, são demonstrados, em primeiro lugar, por membros da família e, mais tarde, por professores e outros membros da sociedade.”

Observa-se a importância do exemplo dos adultos que, demonstrando o interesse sincero pela leitura, influenciaram a criança a fazer o mesmo.

Dentro da sala de aula, não há modelo mais afetivo do que um professor que realmente ame os livros e a leitura. A centelha de prazer será captada pelos alunos que têm a felicidade de terem um exemplo deste tipo. [...], sejam livros de figuras, sejam livros de capítulos, lido com entusiasmo e com expressão motivará, mesmo os leitores mais reticentes, a continuarem escutando para descobrir o que acontece. (CRAMER e CASTLE, 2001, p. 111).

### 3. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O presente estudo se valeu de uma pesquisa de cunho bibliográfico com abordagem qualitativa, sendo realizado por meio de uma pesquisa de campo na Escola Municipal de Educação Infantil Ilma de Souza Ramalho, localizada na Rua Cônego Teodomiro, s/nº Centro, Pilões-PB. Quanto ao universo da pesquisa é composto por 120 crianças, com idade até cinco anos. Entretanto, o grupo amostral será de aproximadamente 16,6% desse total, composto por 20 professores, com idade média entre 25 a 38 anos. As aulas acontecem em dois turnos (matutino e vespertino) as crianças permanecem na instituição por um período de quatro horas (das 07h00 às 11h00minh da manhã e 13h00 às 17h00 da tarde), participando das seguintes rotinas: aula e recreio.

No que tange ao material utilizado foi composto de histórias tradicionais, nas quais as imagens ou ilustrações têm papel fundamental, embora Bettelheim (2007) afirme que “os livros ilustrados são ineficazes porque distraem e dispersam as crianças, impedem-nas de fazer o processo de elaboração da fantasia a partir da história”. Entretanto, apesar desta afirmação, em outras atividades realizadas com contos de fadas, as ilustrações são de extrema importância, tornando-se significativas para as crianças, facilitando a identificação das mesmas. E ainda, para verificar o desempenho as crianças, sobretudo de um ponto de vista evolutivo, foram realizadas observações utilizando como base para análise, cinco, dos doze níveis de reação, adaptados de Gutfreind (2003, p. 183) em um protocolo de observação para avaliação do progresso das crianças (ver anexo).

E no que diz respeito aos procedimentos para coleta de dados, a pesquisa foi realizada em dias úteis no turno da manhã, em cinco encontros durante os meses de fevereiro e março de 2017, e cada momento teve duração média de 40 minutos. Na análise dos dados, o material coletado foi selecionado e analisado, utilizando como afinidade metodológica e o método qualitativo a partir das informações coletadas.

### 3.1 Resultados e Discussão

Após a pesquisa realizada junto a docentes da Escola pesquisada, confrontando os dados coletados acerca da problemática em discussão, levaram-se em consideração alguns questionamentos para se descobrir uma estratégia de como realizar um trabalho de desconstrução da dificuldade de aprendizagem com a inserção dos Contos de Fadas e Histórias Infantis e sua aplicabilidade de forma que venha incentivar o desenvolvimento da criatividade da criança através de sua vivência lúdica.

### 3.2 Pesquisa com os professores

Com o intuito de compreender melhor as dificuldades de aprendizagem que comprometem a vida acadêmica dos alunos, elaborou-se um questionário para que junto aos professores de Educação Infantil fossem investigados acerca da problemática em questão: *Através da aplicação de atividades com os Contos de Fadas e das Histórias Infantis, é possível desenvolver na criança a criatividade e o gosto pela leitura?* Sob um aspecto analítico acerca do problema, foi feita uma confrontação das percepções dos docentes com os aspectos que dizem respeito ao desenvolvimento cognitivo, dos alunos nos mais diversos contextos, a fim de descobrir toda sorte de dificuldades encontradas por eles e pelos próprios professores em relação ao ensino e aprendizado.

Nesta seção analisar-se-á os dados coletados na pesquisa de campo, a partir das questões propostas com base na temática adotada. A aplicação do questionário ocorreu entre os dias 22 de fevereiro a 05 de março do ano letivo de 2017, as respostas foram individuais e todos relataram não sentir dificuldades em responder aos questionamentos, informando que o tempo médio levado para a conclusão foi de 25 minutos.

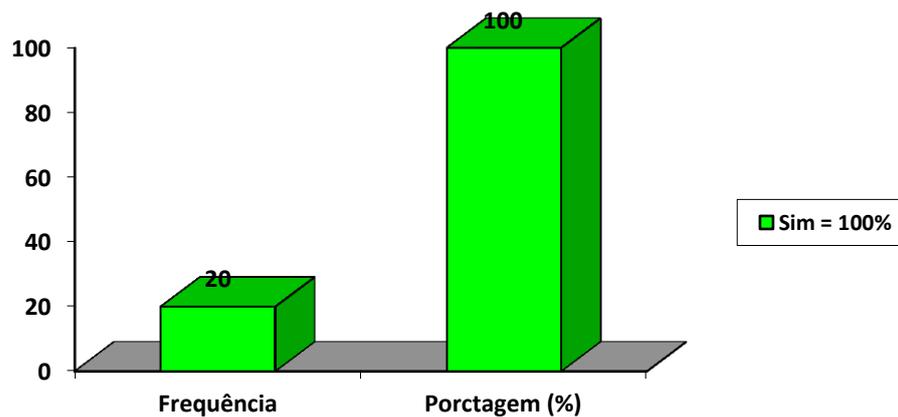
Após a aplicação do questionário, as respostas objetivas foram analisadas, a partir de categorias de análise que emergiram do arcabouço teórico, ou seja, cada resposta foi interpretada e comentada logo em seguida, com base na teoria antes exposta.

Nesse ínterim, essa pesquisa foi de caráter qualitativo, pois visou explicar a razão dos fatos relatados de forma detalhada, concisa e objetiva. A análise dos dados esteve sempre relacionada com as questões levantadas.

Os Contos de fadas e as Histórias Infantis fazem parte do planejamento da unidade escolar em face da necessidade que a criança sente das atividades lúdicas que são importantes para o seu desenvolvimento físico e cognitivo. Assim as respostas dos 20 professores entrevistados foram importantes para que se pudesse perceber qual a concepção embasa o trabalho com a Educação Infantil nas escolas de suas representatividades.

Em relação à primeira pergunta, quando perguntados: Em sua opinião, os Contos de Fadas e as Histórias Infantis são importantes para o aprendizado da criança?

Gráfico 01: Frequência e porcentagem sobre a importância dos Contos de fadas e das Histórias Infantis são importantes para o aprendizado da criança;



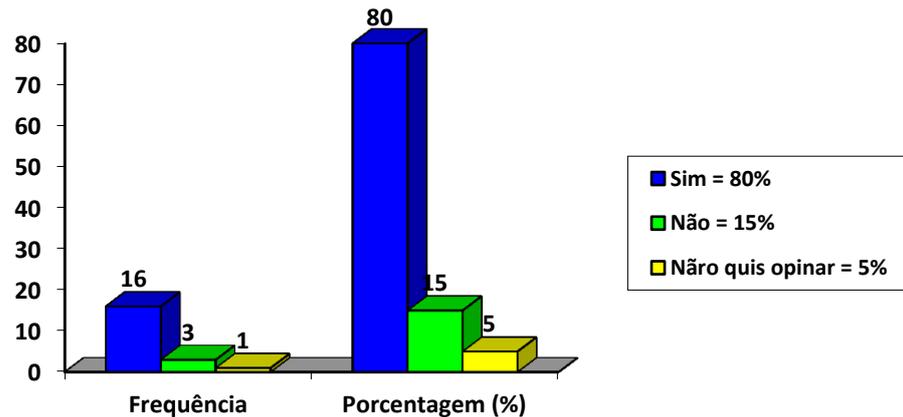
Fonte: Autoria própria (2017).

Conforme o resultado configurado no gráfico acima, os vinte entrevistados foram unânimes em suas respostas, o que corresponde a 100% dos entrevistados, responderam que sim, os Contos de Fadas e as Histórias Infantis são importantes para o aprendizado da criança.

Vale salientar que o resultado obtido nesse questionamento, demonstra uma concepção politicamente correta por parte dos professores, que alegam considerar os Contos de Fadas e as Histórias Infantis, ferramentas importante na Educação Infantil, porém, esse resultado não significa que esse gênero por ser importante seja obrigatoriamente trabalhado em sala de aula por esses professores. “Contar histórias é ascender uma fogueira em coração para que a sabedoria e a imaginação possam transformar sua vida”. Nancy Mellon (2006).

No que diz respeito ao segundo questionamento: O ato de contar/ouvir contos de fadas e Histórias Infantis influencia no ato de aprendizagem da criança? 16 pessoas, ou seja, 80% dos entrevistados disseram que sim, que o ato de brincar influencia no ato de aprendizagem da criança; três pessoas, o equivalente a 15%, disseram que não, e uma pessoa, o que equivale a 5% não quis opinar.

Gráfico 02: Frequência e porcentagem sobre a influência do ato de contar/ouvir contos e histórias para o aprendizado:



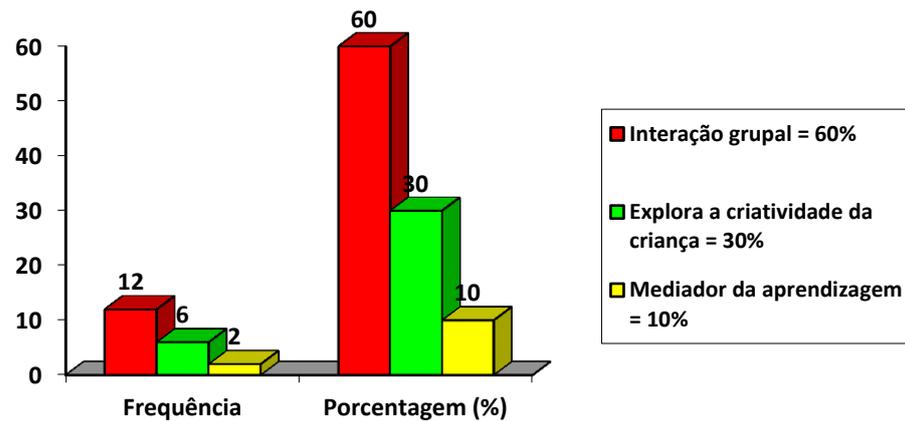
Fonte: Autoria própria (2017).

De acordo com o gráfico 02 acima, com relação a: “o ato de contar/ouvir contos e histórias infantis, influencia no ato de aprendizagem da criança?” As estatísticas apontam que a grande maioria, ou seja, 80% dos entrevistados optaram por votar no favorecimento do ato de contar/ouvir contos e histórias para a aprendizagem da criança. Sisto (2001), enfatiza: “contar histórias é a possibilidade, sim, de formar leitores, num verdadeiro ato de subsistência, não só do já inventado, mas do universo que as palavras transcriam para levantar”.

No que tange a pergunta de número 3: Em sua opinião, dos avanços à aprendizagem na Educação Infantil elencados abaixo, qual o mais significativo, que os Contos e Histórias Infantis têm proporcionado no processo de ensino aprendizagem dos seus alunos?

A luz dos dados evidenciados acima, 12 pessoas, 60% dos entrevistados disseram que esses gêneros promovem a interação grupal, seis pessoas, o equivalente a 30% dos entrevistados afirmou que fazem um papel de mediadores da aprendizagem; duas pessoas, 10%, disseram aguçam a criatividade da criança.

Gráfico 03: Frequência e porcentagem acerca dos avanços mais significativos que os Contos e Histórias Infantis têm proporcionado no processo ensino aprendizagem:



Fonte: Autoria própria (2017).

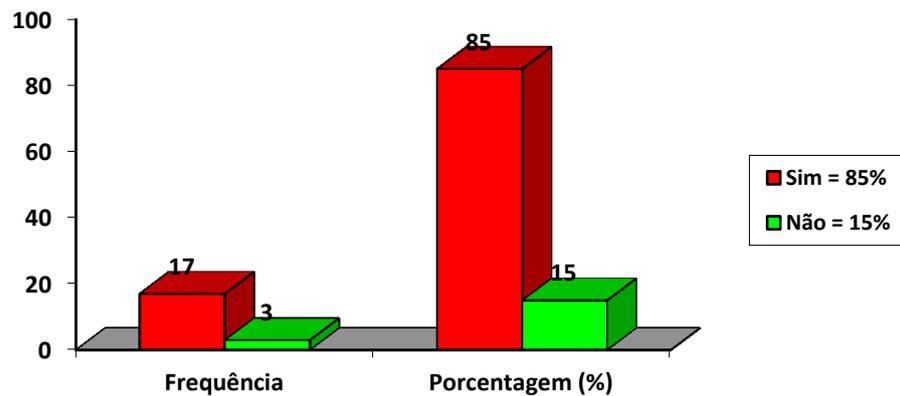
Nesse sentido, conforme os dados estatísticos supra elencados, a maioria dos entrevistados, ou seja, 60%, entenderam que os gêneros em discussão promovem a interação grupal.

Para Joana Cavalcanti, em seu livro *Caminhos da Literatura Infantil*: “Ouvir histórias consiste numa das relações mais prazerosas, satisfatórias de que o homem é capaz. A nossa relação de complementaridade com o eu e o outro está posta aí, numa tentativa maior de preencher as lacunas, de superar os conflitos, e, enfim, de nos perceber como um “ser em projeto”, em busca do ‘prazer feliz’ de uma existência incompleta, mas capaz de criar sentidos, de fazer arte, de transformar o mundo em vários universos, em constelações criadoras de magias, de sentimentos vários de humanidade”.

Na questão de nº 4, quando perguntados sobre: O ato de contar/ouvir histórias contribui para construção do conhecimento da criança favorecendo o processo de desenvolvimento cognitivo, afetivo, emocional e social das crianças?

Segundo o quadro estatístico configurado acima, 17 pessoas, o que corresponde a 85%, afirmaram que sim e três pessoas o equivalente a 15% não quis opinar.

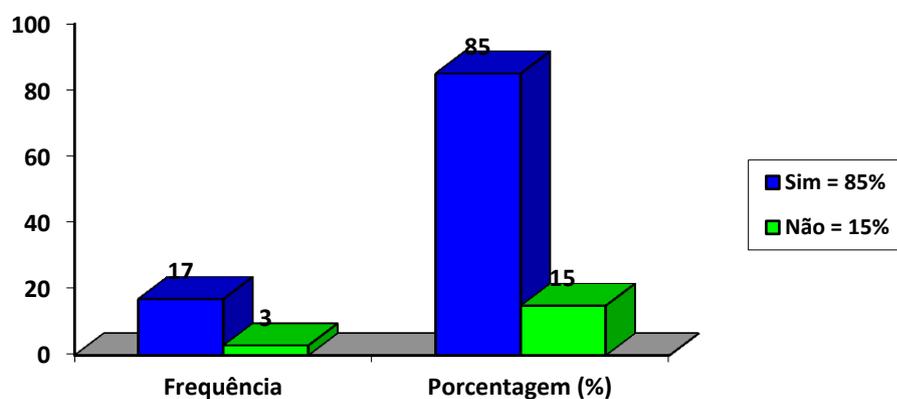
Gráfico 04: Frequência e porcentagem sobre o favorecimento do ato de contar/ouvir Histórias na construção do conhecimento, favorecendo o desenvolvimento cognitivo, afetivo, emocional e social da criança?:



Fonte: Autoria própria (2017).

Conforme o gráfico 04, fica evidenciado que a maioria dos entrevistados julgam procedente a contribuição do ato de contar/ouvir histórias, para a construção do conhecimento da criança, bem como do favorecimento das brincadeiras ao processo de desenvolvimento cognitivo, afetivo, emocional e social das crianças, quando 85%, diz que sim, recursos didáticos como o brincar e as brincadeiras trazem uma contribuição significativa ao aprendizado e desenvolvimento da criança em todos os aspectos. De acordo com Kishimoto (2002), “por ser uma ação iniciada e mantida pela criança, a brincadeira possibilita a busca de meios, pela exploração ainda que desordenada, e exerce papel fundamental na construção de saber fazer”.

Em resposta a indagação de nº 5: A escola tem estimulado a aprendizagem infantil através dos Contos de Fadas e Histórias Infantis? Obtivemos os seguintes dados: 15 pessoas, o equivalente a 75% disseram que não, cinco pessoas, o que representa 25% dos entrevistados disseram que as vezes;



Fonte: Autoria própria (2017).

Diante do exposto acima, fica assim configurado que apesar da constatação da grande eficácia do uso dos Contos de Fadas e Histórias Infantis, como ferramentas de grande auxílio pedagógico para processo ensino aprendizagem, não existe por parte dos gestores educacionais incentivo aos professores para o uso dessa instrumentalidade em benefício da educação, uma vez que 85% dos entrevistados afirmam que não existe incentivo por parte da escola ao uso dessa ferramenta para facilitar a aprendizagem do alunado.

Na visão de Almeida (2000): “[...] educadores muitas vezes usados pelo sistema tornam-se entraves permanentes da presença histórica da escolarização para crianças e adolescentes impondo um saber mecanicista, predeterminado, destruindo na criança o verdadeiro sentido da escola (lugar de alegria e confraternização) [...]”.

## CONCLUSÃO

No ato investigativo da pesquisa, constatou-se os benefícios que as histórias infantis podem proporcionar no campo afetivo e emocional das crianças. Para Radino (2003, p. 212) trabalhar com literatura infantil não significa apenas gostar ou conhecer sua importância para criança, mas a forma e a finalidade das atividades, faz uma enorme diferença, e até são capazes de oferecer uma “família imaginária”, como sugere P. Lafforgue (1998, apud GUTFREIND, 2003, p. 32) e completa Rassial (apud GUTFREIND, 2003, p. 32) oferecendo uma consistência que, provavelmente falta na palavra dos pais.

Em relação aos resultados mais expressivos obtidos na pesquisa, quanto a opinião dos entrevistados acerca da importância dos Contos e Histórias Infantis para o aprendizado da criança, as respostas foram unânimes, 100% dos entrevistados pugnaram pelo sim; Já no segundo quesito, que trata da influência desses recursos para o aprendizado dos alunos, 80% responderam sim; No que se refere ao terceiro questionamento, 60% dos docentes disseram que tais gêneros promovem a interação grupal; No que concerne à questão de número quatro, que aborda a contribuição do contar e ouvir histórias infantis, para a construção do conhecimento e favorecimento do desenvolvimento cognitivo, afetivo, emocional e social da criança, 85% dos entrevistados sinalizaram que sim; E, no que retrata o posicionamento da escola com relação a estimulação da escola para o uso ou aplicabilidade desses recursos didáticos como estratégia de ensino, 75% dos entrevistados disseram que não há incentivo algum por parte da Escola.

Esta pesquisa tem por objeto, divulgar os dados coletados, de modo que as reflexões desencadeadas pelos resultados, aqui apresentados, possam despertar o interesse em realizar atividades com os Contos Infantis, pois ouvir e esclarecer as ansiedades e inseguranças infantis contribui de forma significativa, como o abordado aqui em duas dimensões: afeto e experiência – subjetividade e objetividade.

As observações diretas do comportamento e atitudes das crianças permitiram a experiência, para apresentar que os Contos e Histórias infantis, quando bem explorados, podem se configurar como facilitadores para a construção de uma identidade saudável, que permite um desenvolvimento cognitivo da criança.

Diante do explicitado acima, percebe-se o quanto os Contos e Histórias contribuem em termos afetivos e emocionais. Por isso, verifica-se a importância de se trabalhar com os dito recursos, uma vez que remetem a criança ao mundo da fantasia, onde passam a vivenciar situações, sentindo-se os próprios protagonistas da história, selecionando para isso, obras capazes de serem absorvidas pelas crianças e que traduzam humor, mistérios, problemas existenciais e afetivos.

Nesse entendimento, o presente trabalho imbui-se de nortear a especificidade da oralidade nos Contos de Fadas e Histórias Infantis, como forma de mostrar a contribuição desses gêneros literários para o desenvolvimento integral da criança e como o educandário Ilma de Souza Ramalho pode utilizá-lo na construção da alfabetização de seu alunado.

Para tanto, se faz mister uma harmonização de competências entre a Instituição Escolar e seu corpo docente, para que, com o incentivo da primeira, o segundo possa desempenhar suas funções se utilizando desses recursos tão otimizados da construção do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. 4.ed. São Paulo: Scipione, 1997.

ALMEIDA, Ney Luiz Teixeira. **O Serviço Social na educação**. In: Revista Inscrita, nº 6. Brasília, 2000.

AMBRÓSIO, Fabiana Follador e. **Um trabalho clínico-social: a oficina de histórias, fotos e lembranças da ser e fazer**.

Disponível em: [http://www.cefas.com.br/publicacoes/VIII\\_simposio.pdf](http://www.cefas.com.br/publicacoes/VIII_simposio.pdf). Acesso em: 06 de janeiro de 2010.

BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**; tradução: Antônio Carlos Amador Pereira (e) Rosane de Souza Amador Pereira. São Paulo: Haper & Row d Brasil, 1997.

BERNADINO, Leda Fischer. **A creche e o brincar: alternativas para a educação no primeiro ano de vida** - Estilos clin. v.8 n.15. São Paulo jun. 2003.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 22ª ed. São Paulo. Paz e Terra, 2007.

\_\_\_\_\_. **Na terra das fadas. Análise das personagens femininas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

BRASIL. LDB - **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LEI Nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D.O. U. de 23 de dezembro de 1996.

BRASIL. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNs)**, texto processado, disponível em: <http://www.mec.gov.br/semtec/ensmed/pcn.shtm> [cópia sem data].

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. V. 43. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da Literatura Infantil – dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002. (Pedagogia e Educação).

COELHO, N.N.. **O Conto de Fadas: Símbolos, mitos, arquétipos**. São Paulo: DCL, 2003.

CRAMER, e. h, & Castle, M. **Desenvolvendo leitores para toda vida**. Porto Alegre: Artes Médicas, (2001).

KISHIMOTO, Tisuko M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

MELLON, Nancy. **A arte de contar histórias**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

NOVAES, J. C . **Brincando de Roda** . Rio de Janeiro: Agir, 1992.

REGO, Tereza Cristina. **As raízes histórico-sociais do desenvolvimento humano e a questão da mediação simbólica**. In: \_\_\_\_\_ Vygotsky: uma perspectiva histórico cultural da educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. **A função da brincadeira no desenvolvimento infantil**. In: \_\_\_\_\_ Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação/ Teresa Cristina Rego. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

RIEDMANN, A. **Brincar: crescer e aprender, o resgate do jogo infantil**. Moderna: São Paulo, 1996.

RONCA, P. A. C. **A aula operatória e a construção do conhecimento**. São Paulo: Edisplan, 1989;

SISTO, Firmino Fernandes. **Dificuldade de Aprendizagem na Escrita e Características emocionais de crianças**. Petrópolis: Vozes, 2001.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

# APÊNDICE

## QUESTIONÁRIO

- 1) Em sua opinião, os Contos de Fadas e as Histórias Infantis são importantes para o aprendizado da criança?
  
- 2) O ato de ouvir/contar histórias na aprendizagem da criança?
  
- 3) Em sua opinião, dos avanços à aprendizagem na Educação Infantil elencados abaixo, qual o mais significativo, que os contos de fadas e as histórias infantis têm proporcionado no processo de ensino aprendizagem de seus alunos?  
a)  Interação grupal; b)  Mediadores da aprendizagem; c)  Instigam a criatividade da criança.
  
- 4) O ato de contar/ouvir histórias contribui para construção do conhecimento da criança favorecendo o processo de desenvolvimento cognitivo, afetivo, emocional e social das crianças?
  
- 5) A escola tem estimulado a aprendizagem infantil através dos Contos de Fadas e Histórias Infantis?